Lembrança de Roberto Drummond

Simon Schwartzman

24/6/2002

Roberto Drummond teria gostado de ver a repercussão de sua morte nos jornais e na televisão. Os necrológios falam do escritor mineiro que surgiu nos anos sessenta com o renascimento da revista Alterosa, era apaixonado por futebol e pelo Atlético, e ficou famoso quando seu livro, Hilda Furacão, se transformou em novela da Globo.

Não conheci este Roberto, mas conheci o outro, de antes de tudo isto. Nos anos 50, Roberto era militante e quadro da Juventude Comunista em Belo Horizonte, e eu fazia parte da célula de estudantes secundaristas que ele coordenava. Eu devia ter uns 15 anos, e ele uns 21 ou 22. Era "desligado da produção", o que significa que não tinha emprego, e vivia com o que conseguia arrecadar das mensalidades de militantes burgueses como eu. Lembro dele muito magro, de olheiras, vestido em ternos surrados, de gravata, fumando o tempo todo (gravata? mas eram ternos mesmo? ou será que não fumava?).

O que mais lembro era a fascinação que tinha por Jorge Amado, e a certeza de que um dia seria um escritor como ele. O Jorge Amado daqueles tempos também não era o da Dona Flor e seus dois maridos, mas o de Capitães de Areia e Mar Morto, em que o povo era bonito, o sexo livre, os textos cheios de palavrões, e todos terminavam no Partido Comunista, lutando pela causa gloriosa do proletariado; dos Subterrâneos da Liberdade, em que se aprendia a história do Partido em sua luta contra a ditadura e o capitalismo corrupto e caboclo; do Cavaleiro da Esperança, a epopeia mitológica de Prestes, contada noites a dentro para a mulher amada ("então, minha nega..."); e do Mundo da Paz, a terra encantada da União Soviética, com as fantásticas estações do metrô de Moscou, o balé

Bolshoi e seus cisnes, as grandes indústrias de aço e as hidroelétricas, trabalho, saúde e comida para todos, tudo sob a batuta genial e protetora do Camarada Stálin. Mas Jorge Amado era, além de tudo, o sucesso, os prêmios internacionais, a admiração dos jovens e das mulheres, o dinheiro... ah, um dia...

Quando entrei para a universidade, em 1958, para mim o castelo de cartas de Prestes e do estalinismo já haviam se desmoronado, e nunca mais vi Roberto. Estive fora entre 1964 e 1969, em exílio mais ou menos forçado, e quando voltei descobri que muitos dos que haviam sobrevivido, no Brasil, aos primeiros anos do regime militar, haviam se convertido ao futebol. Roberto, além disto, começava a despontar como escritor, com a publicação da história de B. J. em Paris. O estalinismo dos velhos tempos já não apareceria, o futebol havia substituído o Partido como forma de se ligar ao povo, e com a democracia, a novela global traria a glória possível para um escritor. Os sonhos haviam se cumprido.